

120 anos de Pixinguinha e seu legado para a educação: entrevista com o professor Aluizio Soares

Cristina Silva Kreutzfeld¹
Colégio Pedro II
cristinakreutzfeld@gmail.com



Imagem 1: Prof. Aluizio Soares e Profa. Cristina Kreutzfeld

Em comemoração aos 120 anos de nascimento de Pixinguinha e 100 anos de uma de suas músicas mais famosas, intitulada *Carinhoso*, composta entre 1916 e 1917, a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro 9UFRJ) / Linha de Pesquisa: Inclusão, Ética e Interculturalidade, possui Mestrado em Arts in Music – Campbellsville University, KY, EUA (2012); Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (2008), além de cursos complementares em Educação Musical, Flauta Transversão, Educação Especial, Libras, Línguas Clássicas e Modernas. Atualmente é professora efetiva e Coordenadora de Educação Musical do Colégio Pedro II, Intérprete de Libras e professora de Inglês na Igreja Batista de Barão da Taquara. Tem experiência como flautista, regente de coro infantil e pianista acompanhadora.

Escola de Música do *campus* Realengo II e o *campus* Realengo I promoveram, no dia 2 de junho de 2017, no auditório da Escola de Música do Colégio Pedro II (CP2), localizado no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, um evento chamado *120 Anos de Pixinguinha*, que teve início às 13h. Entre outros ocorridos durante o ano, este evento foi composto por apresentações musicais e relatos sobre a vida e a obra do compositor, além de ter uma roda de conversa com o ex-aluno de Pixinguinha, o professor Aluizio Soares, meu avô, e acima de tudo, meu amigo. No dia do evento, alunos e professores do curso técnico em instrumento musical do Campus Realengo II, e alunos e professores do 4º e 5º anos do Campus Realengo I estavam presentes, compondo a plateia. A roda de conversa com o professor Aluizio durou aproximadamente 20 minutos e ocorreu na última parte do evento. Todo o evento foi filmado pelo professor de Informática Educativa do Campus Realengo I, Sérgio Vitor, e fotografada pela neta do professor Aluizio, Raquel Soares. Irei entrelaçar neste relato, trechos de uma entrevista prévia que fiz com meu avô uma semana antes do evento na minha casa, e que se encaixa perfeitamente com os relatos feitos no evento, no intuito de tecer experiências que compõem, como pano de fundo, parte do desenho da história da educação musical no Brasil.

Prof. Aluizio (no Colégio Pedro II): Eu tenho 86 anos. Eu nasci no dia 2 de março de 1931. Pra mim é uma honra muito grande estar junto com vocês. Quando a professora tocou a flauta (*Vou Vivendo*, de Pixinguinha) e eu me transporte para as aulas de Pixinguinha. Vou voltar um bocadinho na história até chegar no meu tempo de escola². Eu terminei o primário, fiz o cursinho de admissão (...) que antigamente era assim. Depois da admissão, você terminava o ginásial ou o industrial. Eu fui para o industrial em uma daquelas escolas profissionalizantes: o Colégio Estadual João Alfredo para aprender um ofício.

C.K.: Onde ficava a escola?

Prof. Aluizio (entrevista na casa de C.K.): O Instituto João Alfredo era uma escola do estado do Rio de Janeiro, localizada em Vila Isabel. Em baixo, no mesmo prédio, era a Escola Argentina. No meio era o Asilo das Velhas e em cima era o João Alfredo. Havia também outras escolas muito boas como Visconde de Cairu, para meninos, Visconde de

² Professor Aluizio Soares teve aulas com Pixinguinha no Colégio Estadual João Alfredo, situado no Boulevard 28 de setembro, 109, em Vila Isabel, Rio de Janeiro.

Mauá, para meninos, Orsina da Fonseca, para meninas, e Rivadávia Correa, para meninas. O Visconde de Mauá também tinha uma banda muito boa.

E lá nessa escola João Alfredo, nós éramos internos. Nós dormíamos na escola em um espaço com dormitório e refeitório. De manhã cedo, nós acordávamos às 6h, limpávamos e varriamos o dormitório. Eu arrumava as camas, colocava os cobertores nos pés da cama, colocava a toalha na cabeceira da cama e formávamos. Descíamos e tomávamos banho. Voltávamos, mudávamos a roupa, apanhávamos o material, e íamos para o refeitório tomar café. Tinha café com leite e muitas vezes tinha frutas. Depois disso, nós formávamos no pátio da escola e cantávamos o hino nacional, todos os dias. O respeito aos professores era uma coisa fora de sério. Eu ainda peguei o castigo de que quando você não obedecia ou falava alguma coisa demais para o professor, você ia para o canto da parede, ficava virado e não podia falar nada. Ainda tinha a palmatoriazinha, a palmatória. Nós tínhamos um professor de matemática, que já era meio velhinho, idoso. Então, o apelido dele era asqueroso. Asqueroso porque ele era ruim para caramba, era muito ruim. Na aula de matemática, eu já fiquei de castigo olhando para a parede. Também levava palmada. Na arguição, se errássemos, ficávamos a aula toda olhando para a parede, de costas para a turma. Os outros professores eram bons.

E olha como era a entrada dos alunos. Primeiro os alunos iam para a sala de aula, tinha sempre um inspetor na porta. Então sentávamos, e ficava todo mundo quietinho. Não se podia fazer bagunça de maneira alguma. Quando o professor chegava na porta, ele olhava, o inspetor mandava levantar e todo mundo levantava. O professor entrava, olhava e dizia: pode sentar. Era assim. Quando um aluno qualquer, que faz qualquer coisa, respondesse, desobedecesse, nós tínhamos um número. O meu número era 29. O professor cantava (falava): “29”. À noite tinha castigo. Antes de dormir, o aluno tinha que ficar com um travesseiro em cada mão, com os braços abertos, esperando 1 hora para depois ir dormir. Mas nós tínhamos excelentes professores. O almoço era das 11h às 12h. Depois das 12h às 16h era a oficina. Na parte da manhã era a parte teórica e na parte da tarde era a parte prática. Eu fui escolhido para construção civil e até hoje eu dou aula, apesar de já ser aposentado. Depois da minha aposentadoria me levaram para uma escola e eu já estou lá há quase vinte anos dando aula. Nessa escola tinham cinco professores que foram meus

alunos no Cefet-RJ³. Eu fui aluno e fui professor do Cefet. (Voltando à nossa rotina de aluno), depois das 16h, nós tínhamos aula com esse sorriso do Pixinguinha⁴.

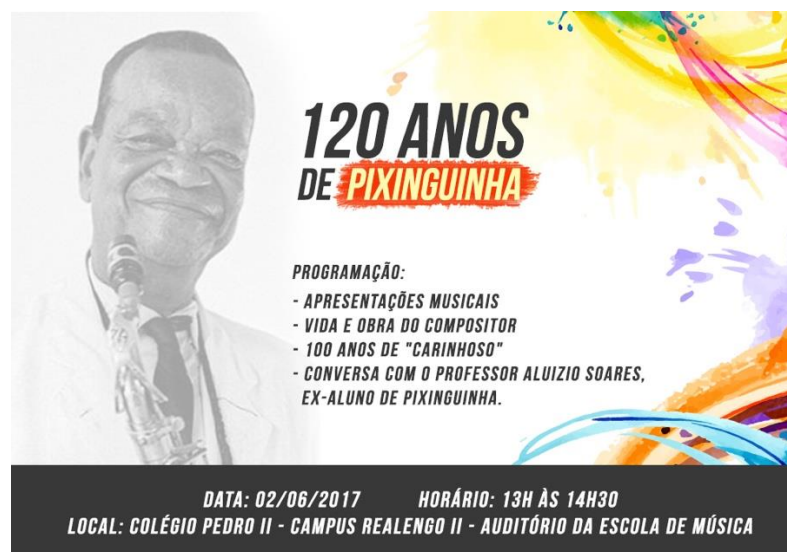


Imagem 2: Cartaz do Evento

Ele sorria sempre! Ele tinha um rostinho mais cheio. Excelente pessoa! Ótima pessoa para você conviver com ele. Os chorinhos que ele tocava depois dos ensaios da banda...

C.K.: Como era Pixinguinha e o que ele ensinava?

Prof. Aluizio (entrevista na casa de C.K.): Pixinguinha era o professor de solfejo e da banda. A gente chamava ele de professor ou Pixinguinha mesmo. Ele era um amigo, boa praça. Tocava todos os instrumentos, mas o que tocava mais era o saxofone, além da flauta. Havia um outro professor da banda que era maestro do Theatro Municipal. Ele acabava o ensino, nós ficávamos reunidos e ele (Pixinguinha) ia tocando. Além desses dois professores, tinha também um outro professor de música, que dava aula regular. A turma tinha em torno de 25 alunos, todos meninos. Eu cheguei a tocar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro com a banda. Os ensaios da banda com Pixinguinha eram três vezes na semana, às 16h, logo após a aula de oficina. A banda era aula extra. A gente praticava todos os hinos, Nacional, da Bandeira... Eu tocava contrabaixo.

Prof. Aluizio (no Colégio Pedro II): Pixinguinha tocava todos os instrumentos da banda. Era uma coisa fora de sério. Tocava saxofone, que era uma coisa por demais. Muito!

³ Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

⁴ Em referência a foto do Pixinguinha no cartaz do evento “120 anos de Pixinguinha”.

Aqueles chorinhos todos que ele compunha, aquilo tudo ele tocava e recordava com a gente. Muito bom professor!

Vocês têm que continuar estudando⁵. Há necessidade da pessoa estudar. Logo no início, no primeiro ano, eu repeti, mas eu fiquei olhando a minha vida e vi que os outros alunos foram para frente e eu fiquei para trás. Aí, o que aconteceu comigo? No outro ano eu fui bem e fui o primeiro aluno da turma até o terceiro ano. Saí dali e fiz concurso para o Cefet, que antigamente era Escola Técnica Nacional. Entrei no Cefet e fiz lá três anos do curso técnico em Edificações. Conheci muitos alunos, muitos professores.

C.K.: Como era a rotina escolar no Cefet?

Prof. Aluizio (no Colégio Pedro II): As escolas profissionalizantes da época eram muito boas. Na aula de pintura, os professores eram da Escola de Belas Artes. Tinha um professor de história arquitetônica. Aprendi a diferença entre a coluna do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e a da Biblioteca Nacional. A coluna do Municipal era Jônica. Tinha um capitel diferente do da Biblioteca. A coluna da Biblioteca era Dórica. Os capiteis tinham volutas. Isso foi há quase 80 anos atrás.

Tinha também aula de Cantaria, que era trabalho na pedra. O último exercício que o professor deu foi de fazer uma esfera.

C.K.: E após a formação na educação básica e universitária?

Prof. Aluizio (no Colégio Pedro II): Eu dava muitas aulas. A vida de professor não é brincadeira. Eu peguei essa transformação, que hoje vocês têm de dedicação exclusiva (DE)⁶, eu era professor do CEFET e eles ofereciam. Hoje eles dizem que você vai ficar exclusivamente nessa escola. Eu não, eu era professor do CEFET, era professor do estado, que eu era concursado, e eu dava aula em sete escolas. CEFET, Primeiro de Maio, Estado, e 4 faculdades (Santa Úrsula, Silvio Souza, Bennett e Gama Filho). Mas olha, hoje eu só dou aula à noite na escola, no pós-médio, mas é excelente, um convívio muito bom. A vida de vocês hoje é diferente da nossa. A nossa era mais restrita. Eu me lembro uma vez, porque eu sou evangélico, então, o que acontece, a gente vinha da igreja dez horas, onze horas da noite, passava uma pessoa perto da gente, eu, minha irmã e minha mãe, e dizia assim: “você está precisando de alguma coisa?”, “vocês estão precisando de alguma

⁵ Fala para os alunos que estavam na plateia.

⁶ Referente ao regime de trabalho de professores.

coisa?”, “não, não, tudo bem”, era isso. Hoje, passa meia noite em lugar qualquer para você ver o que é bom (risos).

C.K.: Agradeço imensamente pelo professor Aluizio Soares ter participado do evento 120 Anos de Pixinguinha, no Colégio Pedro II.

Prof. Aluizio (no Colégio Pedro II): Foi um prazer muito, muito grande. Eu não tenho palavras para me expressar, para dizer como estou me sentindo perante vocês. Estou passando o que eu estou vivendo e eu estou vendo lá trás, quando eu era da idade de vocês. Muito obrigado! Muita felicidade para vocês! Muito Obrigado!

Assim a roda de conversa terminou. Foi a primeira vez que o professor Aluizio Soares falou em público sobre a sua experiência como aluno de Pixinguinha. Eu mesma, como neta, flautista e professora de educação musical, só soube destas informações após ingressar na universidade. Os alunos e servidores que estavam na plateia ficaram muito felizes em conhecer uma pessoa que teve contato com Pixinguinha. Apesar de não ter escolhido a música como profissão, Aluizio Soares sempre incentivou membros da sua família a aprenderem um instrumento, ir a concertos e shows. Sua falecida esposa, Neuci Peixoto Soares, tocava piano, o qual minha mãe Anna Cristina herdou e que hoje está sob os meus cuidados. No fim do evento, muitos vieram cumprimentar o professor Aluizio Soares e tirar uma foto com ele. Algumas músicas foram apresentadas por alunos e servidores durante o evento, entre elas a música Carinhoso (Imagem 3) e O Mundo Melhor de Pixinguinha (Imagem 4). Compareceram também ao evento alguns familiares do professor Aluizio Soares (Imagem 5).



Imagem 3: Professores do Colégio Pedro II Leonardo Corrêa Bomfim e Cristiane Marcelino Santana apresentam a música Carinhoso.



Imagem 4: (Da esq. para a dir.) Professor Leonardo Corrêa Bomfim; Marcus André da Silveira; Maria Eduarda Domingues; Gabriela Stypurski; Matheus Paz Freire; Lucas Ruffo; Erick Conrado do Carmo; professor Marcelo Izar; Matheus Brasil.



Imagem 5: Familiares de Aluizio Soares. (Da esq. para a dir.) Raquel Soares da Silva Rocha – neta; Anna Cristina Soares da Silva – filha; Aluizio Soares; Cristina Silva Kreutzfeld – neta; Eduardo Anfrísio Peixoto Soares – filho; Heloisa Helena Peixoto Soares – filha; e Abiel Gomes da Silva – genro